

# MEMÓRIA E HISTÓRIA – ALICERCES PARA A RESISTÊNCIA

Cristiane Cunha Bezerra<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como propósito pensar a importância da conservação da memória, a história de um povo, aqui especificamente a memória do povo negro, escravizado, e as consequências desse apagamento da memória e da história desse povo. Refletir a importância do resgate da história, a ancestralidade, refazer a história contada por meio daqueles que por tanto tempo foram calados, resgatando a autoestima desse povo e dessa forma fazer um cruzamento com minha própria história familiar e, por fim fazer uma reflexão sobre o papel e responsabilidade da Procuradoria Geral do Estado neste contexto de preservar a memória e as ações afirmativas.

**Palavras-chave:** Procuradoria-Geral do Estado. Direitos Humanos. Políticas do Esquecimento. Resgate histórico. Políticas antirracistas. Ancestralidade. Educação.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo terá como base a reflexão quanto à importância do Direito à Memória especificamente para o povo negro.

Refletir o quanto a invisibilidade e o apagamento dos saberes afrodescendentes dizimaram não só a identidade de um povo, mas toda uma história que foi perdida e assassinada antes, durante e após os navios negreiros. Desde então, essa história foi propagada por uma narrativa única, a do branco.

Refletir então a importância nos dias de hoje do resgate dessa história por meio da reconstrução de um passado por meio das histórias e memórias ancestrais, da preservação de espaços que permitam ao negro resgatar um pertencimento.

Além disso, falarei da minha experiência de pessoa branca que possui uma família que teve como base a matriarca, minha bisavó, Ana Cândida, mulher negra, nascida possivelmente escrava. Também falarei das minhas reflexões sobre o desdobramento da história dessa família pelos relatos que ouvi de minha avó e minha mãe e as conclusões a que cheguei, hoje, sobre essa linha do tempo, mediante a consciência ou não consciência da vida que teve minha bisavó devido à cor da sua pele.

---

1 Oficial Administrativa, servidora na Corregedoria da Procuradoria-Geral do Estado desde 2012. Bacharel em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Licenciada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Escreverei sobre pessoas e projetos com os quais tive contato e que firmaram as suas existências e resistências por meio das memórias guardadas e conservadas para novas gerações, para que cada vez mais se crie uma sociedade que entenda as consequências do racismo estrutural e institucional, e que fizeram com que eu entendesse muito da minha própria história.

E, finalmente, faço uma pequena reflexão sobre uma fala que me marcou muito na aula inaugural do curso, em que o professor Belisário dos Santos Junior<sup>2</sup> refletiu sobre o papel da Procuradoria Geral do Estado (PGE) diante do tema Direitos Humanos, Democracia e não Retrocesso, que é a importância do entendimento da instituição sobre o tamanho de sua grandeza e influência sobre as políticas diante do governo do estado.

## 2. O APAGAMENTO DA MEMÓRIA E O APAGAMENTO DO OUTRO

No texto “Memoricídio das populações negras no Brasil<sup>3</sup>: atuação das políticas coloniais do esquecimento”, publicado na *Revista Memória em Rede*, Leandro Aparecido Fonseca Missiatto, reflete sobre o apagamento da memória que, segundo o autor, é algo usado para o apagamento do outro, ou seja, tudo que tiro do outro que quero escravizar ou diminuir. Isso apaga não só sua história, mas o próprio ser.

O negro que chegava ao Brasil tinha seu nome modificado, tiravam-lhe a raiz e, se a pessoa mantivesse seu sobrenome, isso era logo visto e denominado como algo inferior, trazendo-lhe vergonha.

A partir daí, havia uma sequência de anulamento que aos poucos ia apagando a história individual desses povos africanos. Assim, em um trecho, pode-se ler:

A história do Brasil traz tanto o extermínio da memória como o apagamento do outro, ambos os apagamentos inscritos nas suas páginas desde os primórdios da colonização. A catequese foi seu gesto inaugural, impondo a incorporação forçada à cultura católica dominante. E como não lembrar que a escravização de negros

---

2 (informação verbal) Doutor Belisário dos Santos Júnior na palestra inaugural do curso de Direitos Humanos, cujo tema foi “Direitos humanos, democracia e não retrocesso”, proferida no dia 30 de setembro de 2022.

3 MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/20210>. Acesso em: 15 mar. 2023.

africanos começava, em teoria, por um ritual de esquecimento? Ainda que na prática não tenha se efetivado, como atestam as várias rebeliões pela liberdade, pretendia-se desvincular os escravizados de seu passado. Assim, conta-se que, antes de embarcar para o Brasil, sempre à noite, para que não pudessem memorizar o caminho, os escravizados eram obrigados a dar voltas em torno de uma árvore para que esquecessem de suas raízes: sua terra, sua identidade, as formas dos lugares.<sup>4</sup>

Ao pesquisar sobre a polêmica da queima dos arquivos dos escravos por Rui Barbosa, deparei-me com inúmeras interpretações, algumas defendendo e outras condenando essa postura, já que essa decisão pode ter sido pautada para a defesa do Estado a fim de que se evitasse uma “quebra” financeira. Isso impediria o uso de “comprovantes de natureza fiscal que poderiam ser usados pelos ex-senhores de escravos para pleitear indenização junto ao governo republicano”<sup>5</sup>.

No texto “A queima de arquivos”, publicado no *Jures*, de Gisele Leite<sup>6</sup>, a autora diz:

Mas, é preciso pensar um pouco mais na palavra “arquivo”. Tal palavra remete a uma forma de organizar elementos, ou melhor, de constituir “algo” como elementos a partir de uma organização. O arquivo, portanto, não apenas recolhe e reconhece um dado elemento existente “na” história.

O arquivo materializa e confere operacionalidade a uma verdade. Ou seja, o arquivo constitui-se com base em uma dada concepção histórica sobre a História.

O episódio da queima das matrículas remete a um tipo de valorização do meio de prova: o documento com fé pública (peça móvel, escrita, reconhecida por um funcionário etc.). Logo, não haveria nenhuma verdade mais autêntica do que aquela que a burocracia legítima (muito embora se saiba que as declarações de propriedade eram falsas).

Paradoxalmente, apesar do apelo ao documento, a história oficial desde o Império e até a república esteve calcada no uso dos “relatos” (dos letrados, membros da burocracia, padres, viajantes) que, por sua condição, passavam a ser reconhecidos como fontes dos fatos. De modo paralelo, a retórica documental do passado, ao que parece, constitui apenas mais uma retórica dos alforriados e reescravizados do que dos senhores de escravos.

A ideia da queima de arquivos oculta que a maior barreira contra a garantia da memória sobre a escravidão foi o desprezo em relação ao relato dos negros que estavam vivos naquele momento.

4 BEIGUELMAN, Giselle. *Memórias da amnésia: políticas do esquecimento*. São Paulo: Sesc, 2019.

5 LEITE, Gisele. A queima de arquivos. *Jures*, [s. l.], 1 out. 2020. Disponível em: <https://jures.com.br/artigo-juridico/a-queima-de-arquivos/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

6 *Ibidem*.

Do que pesquisei, além da terrível situação da própria escravidão, ao negro é negada a sua própria identidade, a sua história ancestral e os seus costumes. No período da República, a queima dos arquivos e matrículas da chegada ao Brasil foi algo que apagou a existência de um fato, como se a escravidão nunca tivesse existido no país – ou naquela máxima do “vamos deixar para lá”. E, com essa posição do não lembrar, do esquecimento, já chegamos à conclusão de que não é o melhor caminho.

Trazer a memória e cuidar da história com suas várias vozes é de suma importância para a construção de um estado democrático e igualitário. O esquecimento sempre foi um meio utilizado por determinados grupos que ocupavam ou ocupam posições de privilégios para apagar uma história.

Por que não temos um memorial refletindo o que constituiu o holocausto negro e indígena? Raros são os espaços nos quais se enaltece a sabedoria e a luta desses povos.

Perdemos a oportunidade de reflexão sobre o racismo muitas das vezes velado que permeia a nossa sociedade; perdemos a oportunidade de aprender com tantos saberes, de crescermos enquanto pessoas, entendendo nosso papel e o papel de nossa família.

Sei que meus antepassados vieram da África, mas de qual aldeia? Em qual navio chegaram? O pouco que sei é que existiram quilombos na região de Minas Gerais próximos à fazenda em que minha bisavó foi agregada, mas qual luta veio antes?

Na palestra da professora Sheila Santana de Carvalho<sup>7</sup>, atual assessora especial do Ministro da Justiça Flávio Dino, ela nos diz:

Fomos o último país a romper com a escravatura, tivemos uma falsa abolição, uma abolição inconclusa e o certo seria: o reconhecimento, a responsabilização e a reparação. Mas ao invés disso, crimes que não eram considerados crimes, se tornaram, como a capoeira, o samba, o negro caminhando sem rumo pela rua foi considerado vadiagem.

Ela também refletiu que ter uma velhice negra é um privilégio e, a partir dessa fala, acrescento a reflexão de Achille Mbembe<sup>8</sup>: tendo em vista o processo de morte

---

7 (informação verbal) Professora Sheila Santana de Carvalho (Coalizão Negra por Direitos) na palestra “Racismo Estrutural e violações de Direitos Humanos”, ministrada no dia 14 de outubro de 2022.

8 MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. *Arte e Ensaio*, Rio de Janeiro, v. 32, p. 123-151, 2016.

desses corpos negros, a morte do corpo é a consumação final de um processo lento e impiedoso que impõe às vidas negras o suplício do medo e desespero desencadeados por políticas mortíferas utilizadas pelo Estado ou por ele chanceladas a terceiros para promoção do banimento das diferenças.

A professora Sheila ainda nos coloca o conceito de racismo estrutural, que consiste nas práticas culturais estruturadas para favorecer uma raça, que, no Brasil, é a branca, além do racismo institucional, que induz, mantém e reproduz o racismo nas instituições.

Tendo em vista todos esses pensamentos sobre a invisibilidade cultural e também o apagamento negro dentro dos mais diversos espaços institucionais e acadêmicos, passo a falar de espaços e pessoas que resistem, recontando e reconstruindo a identidade. Também, passo a refletir sobre a importância da ocupação dos mais diversos espaços para garantia dos direitos.

### **3. AS PASTORAS DO ROSÁRIO E A IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA PENHA DE FRANÇA**

Conheci As Pastoras do Rosário em 2019, em um curso chamado “Tecendo Histórias”, voltado apenas para mulheres, com intermediação de Marcelino Freire<sup>9</sup>, em que éramos instigadas a escrever, principalmente, sobre nossas histórias de vida.

Não posso mensurar a beleza e a intensidade que foram aqueles dias com aquelas mulheres; a fé em São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, o encontro com a história de vida daquelas mulheres com mais de 60 anos, a beleza nas suas roupas, a beleza ao contar suas histórias, às vezes tão sofridas; histórias de preconceito, de pobreza, mas que muitas vezes se firmaram na força que carregavam da ancestralidade.

As Pastoras do Rosário têm seu encontro e formação por meio da Igreja Rosário dos Homens Pretos da Penha<sup>10</sup>, uma igreja situada no bairro da Penha de França, na região leste da cidade de São Paulo.

---

9 Escritor brasileiro, publicou diversos livros, e ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura em 2006, na categoria Contos.

10 IGREJA Rosário dos Homens Pretos da Penha. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_Ros%C3%A1rio\\_dos\\_Homens\\_Pretos\\_da\\_Penha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Ros%C3%A1rio_dos_Homens_Pretos_da_Penha). Acesso em: 14 mar. 2023.

É um importante patrimônio histórico da cidade, construída pela Irmandade dos Homens Pretos, que permitiu aos negros terem um local de culto, pois não lhes era permitida a entrada nas igrejas dos brancos.

Curiosamente, no início do século XX, diversas igrejas pertencentes às irmandades foram demolidas e reconstruídas posteriormente, restando apenas algumas que preservam a arquitetura original, como a própria Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha, que se mantém inteira no seu local de origem.

A presença e preservação por si só já significa um ato de resistência, sendo que uma vez por mês é realizada a celebração: inculturada afro-brasileira.

E foi assim na comunidade que, um dia, Renato Gama<sup>11</sup>, músico e produtor, viu a potência dessas mulheres que cantavam no coral da igreja e formou o grupo musical Pastoras do Rosário, composto por oito mulheres negras sexagenárias.

Essas mulheres se fortalecem mediante sua caminhada artística, uma herança africana que lhes fora passada de geração a geração pela oralidade, gestos e costumes.

Hoje, na arte do canto, elas realizam apresentações em diversos lugares; eu mesma pude assistir a uma apresentação no Teatro Oficina, este também, um espaço símbolo de resistência em São Paulo.

A beleza dessas mulheres pode ser vista no documentário *Da Nebulosa ao Brilho*<sup>12</sup>, disponível no Sesc Digital, por meio do qual se pode conhecer a intensidade da história de cada uma delas – força advinda dos passos firmados por suas ancestrais, reafirmando suas identidades africanas, como na canção em que elas dizem “Sou aquela que crê”.

Elas são referências a mulheres, e mulheres negras, pelas palavras de Renato Gama, um aquilombamento que garante a permanência e transmissão dessas histórias às novas gerações por essas mulheres, pelo espaço da Igreja, e também pela produtora Sá Menina<sup>13</sup>, fincada na região da Vila Nhocuné, em que congrega músicos e artista negros.

---

11 Renato Gama, compositor, cantor, violinista, produtor musical, dramaturgo, arte-educador, musicoterapeuta.

12 DA NEBULOSA AO BRILHO. Direção: Renato Gama e Cassandra Mello. Produção: Sá Menina Produtora/Teia Documenta. São Paulo: Sesc São Paulo, 2022. Disponível em <https://sesc.digital/busca?search-Term=da%20nebulosa%20ao%20brilho>. Acesso em: 10 jul. 2023.

13 Produtora nascida na Vila Nhocuné, veja mais em <https://www.samenina.com/>.

#### 4. OS PROFESSORES JEFFERSON TODÃO<sup>14</sup> E DINA TODÃO<sup>15</sup>

Casal de professores da rede municipal de São Paulo, ele, professor de matemática, e ela, professora de inglês.

Acompanho o trabalho bonito deles em demonstrar aos seus alunos a importância da África na matemática e também na língua inglesa. Eles fazem a educação chamada decolonial. Abaixo, seguem as suas falas apaixonadas pelo trabalho que exercem, visando para o espaço acadêmico trazer não só a memória, mas a história apagada por tanto tempo.

Palavras da professora Dina:

Meu olhar é dentro da educação, especificamente na linguagem, no caso, a língua inglesa, como os processos de colonização apagaram esses saberes, (dos povos do continente africano), partindo do princípio de que os falantes que foram arrancados de suas terras eram pessoas de diversos tipos de etnias e de línguas; então, esse processo da pessoa ter que vir para as Américas de maneira forçada e ter que aprender uma nova língua foi muito violento. O ensino o qual vivenciamos atualmente é tão eurocentrado, que naturalizamos ausências e reproduzimos saberes sem questionarmos! Sempre a partir das regras do norte global.

Precisamos nos desconstruir para nos reconstruir... E como podemos ensinar a língua do colonizador através de uma outra perspectiva que não seja a do colonizador. Mostrar às pessoas os fazeres, os diferentes jeitos de ser e pensar no mundo, apresentar a cultura dos países do continente africano.

Um exemplo de como podemos trabalhar a partir dessa perspectiva é ensinar um jogo, em língua inglesa, oriundo do país Quênia, que teve seu território invadido e dominado pela Inglaterra, que é o *Shisima Game*.

A execução do jogo é muito simples, semelhante ao conhecido jogo da velha. Antes de irmos ao jogo, apresentamos o país, não apenas as suas belezas naturais (para não reforçarmos o estereótipo de [que] África é somente savana).

*Tiriki people* é o povo que originou o jogo a partir da observação das pulgas d'água. Além da interculturalidade, podem-se trabalhar as *shapes, numbers, colors, animals*, e todo [o] contexto histórico.

Todo o conteúdo apresentado é [em] inglês; de quebra, os estudantes aprendem o conteúdo a partir dessa perspectiva. É o que venho realizando em sala de aula e está sendo muito significativo, pois estamos nos construindo juntos.

---

14 Jeferson Todão, depoimento recolhido por aplicativo de mensagens (Whatsapp) em dezembro de 2022.

15 Dina Todão, depoimento recolhido por aplicativo de mensagens (Whatsapp) em dezembro de 2022.

A criança preta se vê representada e a criança branca percebe que não é somente “ela” que existe no mundo (já que em nossa sociedade as mídias sociais, propagandas, reforçam os espaços ocupados pela negritude, espaços subalternos ou apenas protocolo – uma pessoa negra para mostrar diversidade). (sic).

#### Fala do professor Jefferson:

Nosso trabalho é sobre matemática; eu falo do racismo científico: tanto na matemática quanto na ciência em geral ela é apresentada que a ciência foi produzida pelo homem hétero, branco e europeu. Essa é a fala e todos os livros da história da matemática, história da ciência, [que] escondem a verdadeira origem da matemática.

A matemática [...] se iniciou no continente africano com os primeiros seres humanos e foi desenvolvida também na África; então eu mostro nas formações e escolas a verdadeira história que foi escondida. Cálculos com os dedos, traços em ossos que estão em museus – museus europeus; esses ossos têm traços de cálculos matemáticos de 35 mil anos. Tem um ocre, uma argila de 77 mil anos atrás, os papiros egípcios, todos que têm matemática, toda a matemática que aprendemos na escola. Ela tem origem africana, que é o próprio Egito – lembrando que o Egito é uma construção de povos da Etiópia, da República Democrática do Congo, etc.–, tudo isso é escondido. Aliás, o Egito é apresentado como se não fosse africano.

Analisando os papiros egípcios, e analisando inclusive a famosa biblioteca e o museu de Alexandria, o primeiro centro de estudos e o mais importante da antiguidade, vários matemáticos de lá, e as mulheres também, são africanas e africanos, só que eles são retratados todos como gregos. Por exemplo, Euclides de Alexandria, que é o pai da nossa geometria, geometria euclidiana, ele é apresentado como um matemático grego, só que nasceu em Alexandria. Alexandria é Egito, e Egito é África, então o pai da geometria é um homem africano, assim como Hipátia de Alexandria, a primeira mulher registrada na história da matemática é uma filósofa e matemática grega, só que nasceu em Alexandria, entre outros que nasceram na Líbia, Líbia é África. É isso que a gente vem desconstruindo, a gente traz a verdadeira história, tanto como os objetos que provam que a matemática se iniciou na África.

Toda a matemática grega é uma matemática africana. Fala-se muito sobre Pitágoras e Tales de Mileto, Pitágoras nunca escreveu nada, têm os teoremas que levam o nome deles e eles viveram uns trinta anos no Egito.

Nosso trabalho vem para tirar esse apagamento histórico também na matemática e ciência, mostrar que a matemática é uma produção africana, foi desenvolvida por pessoas pretas, tanto mulheres, como homens, só que a história só mostra a Europa, mostra a Grécia. Na verdade, quem dominou o Egito, nem foi a Grécia, foi a Macedônia.

Há também um trabalho com os jogos nas escolas. Uma das estratégias que é eficaz é trabalhar a matemática por meio de jogos, daí não pegamos os jogos comuns, pegamos os jogos africanos. Por meio dos jogos africanos podemos apresentar muita coisa, apresentar a própria história, como o jogo shisima, [que] é um jogo do Quênia.



É semelhante ao jogo da velha, de alinhamento, só que é um octógono, então pode se apresentar a geometria, toda a história da geometria na África. Posso apresentar o país chamado Quênia, posso apresentar a etnia que inventou esse jogo. Entre outros jogos que ele trabalha a história, o apagamento histórico, trabalhar a Lei 10.639<sup>16</sup>, dá para trabalhar muita coisa.

## **5. MINHA HISTÓRIA E O QUE NÃO POSSO ME ESQUECER – A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DE UMA SOCIEDADE ANTIRRACISTA**

Falamos no curso que todos nós temos direito à memória – é um direito humano. Preservar a cultura e a história de vida de cada ser é de suma importância para uma sociedade igualitária embasada no respeito à vida humana. Somos o hoje, porque um dia outros e outras foram por nós.

A história da minha família me vem como uma colcha de retalhos formada por relatos picotados de coisas cotidianas que retratam bem o que era ser negro numa fazenda no interior de Minas Gerais.

Minha bisavó, Ana Cândida, foi agregada em uma fazenda chamada Cedro, onde havia engenhos desativados e ela contava que à noite ouvia o ranger e lamento dos escravos.

Ela era negra e dizia com todo orgulho “me casei com um branco de olhos azuis”. Nunca entendi bem essa fala orgulhosa, mas hoje entendo que deveria ser um peso muito grande carregar tudo que havia sofrido por conta da cor de sua pele.

Teve sete filhos, duas gêmeas retintas, outros de pele mais clara; enviuvou muito cedo, com filhos pequenos, e todos tiveram que trabalhar na infância para ter o prato de comida.

Trabalhava de sol a sol, colhia e levava tudo para o terreiro do fazendeiro, e lá ele decidia o quanto cabia a ela. Claro, nunca era o justo e ela dizia: “Deixa estar, um dia a lagoa há de secar”. Sonhou com sua própria terra quando ouviu no rádio que haveria a reforma agrária; infelizmente não realizou esse sonho.

Não havia salário, mas todos trabalhavam, até minha mãe, que se lembra de muito pequena cuidar das crianças do patrão. Lembra-se de um dia inteiro em

---

16 Lei n. 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio.

que ficou mexendo um tacho de doce de goiabada e quando foi para casa debaixo de chuva, acabou escorregando, ficando muito machucada e na cama por vários dias sem conseguir se mexer. Isso de alguma forma revoltava a minha bisavó, mas naquele pequeno mundo não havia outra escolha, o que fez com que minha mãe saísse de lá aos quinze anos para trabalhar como doméstica em São Paulo e reproduzir aqui quase a mesma situação de lá, trabalhando, morando e ganhando tão pouco.

Isso tudo para minha família foi como um caminho a ser vivido, como um destino. No dia 16 de março de 2023, após ler a coluna de Leonardo Sakamoto<sup>17</sup>, uma notícia: Ediane Maria toma posse na Assembleia Legislativa de São Paulo. Mulher negra e nordestina, foi doméstica vítima de escravidão contemporânea, trabalhava por menos de um salário-mínimo, sob a justificativa de morar no emprego. Sem direitos, sem carteira assinada, usufruía apenas de uma folga a cada quinze dias. Em uma ocasião, a família a deixou trancada na residência depois de terem ido viajar.

Ediane mudou seu destino a partir da militância e envolvimento com movimentos que a fizeram lutar e entender que é necessária a ocupação desses espaços de fala e transformação de uma realidade tão sofrida. Ela é a primeira doméstica a assumir um cargo na Assembleia Legislativa de São Paulo e sua fala é o grito contido de tantas Anas e Marias de outros tempos: “Só de estar aqui dentro, já estou mudando, porque essas pessoas esquecidas sabem que estão sendo representadas. Afinal, a gente carrega no nosso corpo e na nossa história um processo de escravidão que não foi resolvido.”<sup>18</sup>

E, assim, construí-me a partir da raiz que vem da força de uma mulher negra, da dor de ser negra, de uma mãe doméstica. Foi desse chão construído com luta que pude caminhar e chegar a uma universidade pública.

---

17 SAKAMOTO, Leonardo. Doméstica vítima de escravidão toma posse como deputada estadual em SP. Uol, São Paulo, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2023/03/16/domestica-vitima-de-escravidao-toma-posse-como-deputada-estadual-em-sp.htm>. Acesso em: 16 mar. 2023.

18 MARIA, Ediane. “Só de estar aqui dentro, já estou mudando, porque essas pessoas esquecidas sabem que estão sendo representadas. Afinal, a gente carrega no nosso corpo e na nossa história um processo de escravidão que não foi resolvido.” São Paulo, 16 mar. 2023. Twitter: @EdianeMariaMTST. Disponível em: <https://twitter.com/EdianeMariaMTST/status/1636515475550076933>. Acesso em: 17 mar. 2023.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS – O AQUILOMBAR, A RESPONSABILIDADE DE CADA UM, A CONSTRUÇÃO CONJUNTA, A PGE NO CONTEXTO DOS DIREITOS HUMANOS

Caminhando para o fim do meu artigo, farei uma reflexão que parte das palavras de Conceição Evaristo<sup>19</sup> em sua entrevista à revista *Continente*<sup>20</sup> em que, respondendo a pergunta sobre uma frase dela, “às vezes o tempo pede esquecimento”, ela diz:

Glissant (*Édouard Glissant*) fala que, quando os africanos são trazidos pelo tráfico negreiro, eles não trouxeram nada. Ele está dizendo do povoamento das Américas, está se referindo muito às Ilhas Caraíbas, mas é para gente pensar todas as Américas. Ele vai dizer que há três tipos de migrante: o armado, que invade; o fundador, que ajuda a colonizar a terra; e o migrante nu, que ele vai estar se referindo aos africanos. Ele diz que todo o imigrante, quando sai da sua terra de origem, tem a oportunidade de levar alguma coisa como lembrança ou um livro de receita, uma ferramenta que era usada pelo avô, uma foto, um objeto palpável que lembre alguma coisa da família dele ou da terra de que ele veio. O africano que veio para ser escravizado na América, ele sai e não traz nada. Ele não tem tempo de pegar nada. O único bem que ele traz é o bem da memória. É com essa memória que ele vai se reconstituir em cada espaço que ele se encontra.

Uma memória que ele vai reconstituir por vestígios. Essa reconstrução da memória acaba dando para esse migrante nu conforto, a recuperação dessa dignidade humana. Então, a memória da escravização é uma memória que é reconstituída por pedaços, por silêncios, esquecimentos, por faltas, por inversão. A literatura se torna esse espaço da invenção, da ficcionalização, é esse espaço que valoriza os pedaços, os vestígios, como se fossem inteiros, torna-os em pedaços inteiros, dá corpo a esses pedaços. E o silêncio é justamente essa dinâmica: pedaços, traços, silêncios, ausências, incompletudes; e a memória tenta crescer isso tudo, mas sempre vão ficar vazios. E esse vazio também significa. Esse silêncio também significa, porque esse silêncio e esse vazio contam uma história. E contam justamente a história do impedimento, do vazio com que os africanos e seus descendentes lidam para poder reconstruir essa história. Esse esquecimento faz parte da própria história, porque há algo maior que nos impede de lembrar, nos impede de saber. Então, o silêncio, o esquecimento habitam também a nossa história com aquilo que a memória pode recuperar.

O silêncio imposto não pode mais fazer frente, por isso trouxe aqui o quanto é importante a preservação de uma construção feita por e para os negros, como a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha, e As Pastoras do

---

19 Conceição Evaristo, linguista e escritora brasileira.

20 PASSOS, Paula. “As histórias de amor não têm fim”. *Continente*, Recife, 1 mar. 2023. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/267/ras-historias-de-amor-nao-tem-fimr>. Acesso em: 15 mar. 2023.

Rosário, mulheres negras e artistas sexagenárias; essa junção numa comunidade que busca trazer a consciência da sua importância e a quebra de anos e anos de uma história de apagamento e inferiorização.

Trago meus amigos, Jefferson e Dina, na área da educação, como exemplo de professores que, ao trazerem aos seus alunos, boa parte negros, histórias que mostram a importância do negro nas ciências, reafirmam a autoestima que tanto precisam, sem dizer a importância de conhecer sua própria história.

Chegamos, enfim, ao papel importantíssimo da PGE frente aos direitos humanos, citando a fala da atual Procuradora Geral do Estado, doutora Inês Maria dos Santos Coimbra de Almeida Prado, na aula inaugural em que foi anunciada a criação da Coordenadoria de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH)<sup>21</sup> dentro da instituição, que tem por objetivo semear para criar uma forma mais estruturada e mais protetiva, com voz qualificada e transversal, apontando a direção de que, para a Procuradoria, os direitos humanos importam; semear no poder judiciário a mente nos Direitos Humanos<sup>22</sup>.

E na direção na qual propus minha reflexão, memória, história e resistência, vejo o quão importante é a representatividade da doutora Inês como mulher e negra, e o que ela vem transformando dentro da instituição.

A questão da representatividade é tão importante que, numa simples pesquisa com a palavra “quilombolas”, houve o retorno de apenas duas respostas. Em uma delas, uma notícia sobre a participação de um Procurador do Estado em uma audiência pública no ano de 2006<sup>23</sup>, que contou com a participação da Secretária da Justiça e Defesa da Cidadania, doutora Eunice Prudente, mulher negra, que esteve conosco em uma das aulas do curso de Direitos Humanos<sup>24</sup>. A preocupação à época o Procurador do Estado, doutor Alexandre Souza, ressaltou a importância do diálogo entre Estado,

---

21 SÃO PAULO (Estado). Procuradoria Geral do Estado. **Resolução PGE n. 36**, de 26 de setembro de 2022.

22 (informação verbal) Aula inaugural do curso “Direitos Humanos na Contemporaneidade”, notícia também disponível no link <http://www.portal.pge.sp.gov.br/procuradoria-geral-do-estado-de-sao-paulo-cria-coordenadoria-de-defesa-dos-direitos-humanos/> (acesso em 17 de março de 2023).

23 Procurador do Estado participa de audiência sobre quilombos de Ubatuba. **Procuradoria Geral do Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2006. Disponível em <http://www.portal.pge.sp.gov.br/procurador-do-estado-participa-de-audiencia-sobre-quilombos-de-ubatuba/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

24 (informação verbal) Professora Dra. Eunice Prudente em palestra sobre Direitos Humanos e Interseccionalidades, ministrada em 30 de novembro de 2022

município e comunidades: “Pode-se evitar a preposição de ações judiciais por meio de consenso”. A grande preocupação era em relação à saúde dos quilombolas.

Outra notícia na atual gestão, no ano de 2022, com suporte jurídico da PGE, concederam-se títulos de domínio a três associações remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira<sup>25</sup>.

Ainda na questão de representatividade e construção de uma história de pertencimento da pessoa negra dentro da PGE, um território quase que exclusivamente branco em relação aos procuradores do Estado, trago a palavra da Procuradora Geral do Estado de uma entrevista concedida à revista *Veja São Paulo*, na qual ela comenta sobre os planos para criar uma política de cotas da PGE:

Sim. As cotas se mostraram muito bem-sucedidas, não vejo outra forma de trazer um mínimo equilíbrio (ao órgão). Nunca tivemos cotas na procuradoria e a ideia é que elas sejam incorporadas. Neste semestre, faremos nosso planejamento estratégico. Minha proposta é que as cotas sejam uma questão central. A diversidade não apenas traz uma reparação história, mas enriquece o ambiente. Isso aconteceu nas universidades, houve um ganho para a academia. As cotas não são um favor, há uma melhora para todos e será assim na PGE.<sup>26</sup>

Fecho meu artigo com as palavras do doutor Belisário dos Santos Júnior, dizendo que a PGE, definitivamente, saiba a importância da sua voz frente ao Estado e à governança.

Talvez um dos pontos a se articular e pensar é construir uma PGE com uma visão mais estratégica, com propostas e voz para a construção de uma sociedade mais igualitária em todos os setores – educação, justiça, saúde etc. –, entender e fortalecer internamente a confiança que é dada aos procuradores, e que essa confiança e entendimento sejam algo transformador em todas as esferas.

Por fim, como doutora Inês terminou sua fala na aula inaugural: “A democracia é uma construção coletiva, ninguém acaba ou salva um Estado sozinho. Novos tempos virão! E certamente melhores que hoje”.

---

25 SÃO PAULO concede títulos de domínio a três associações remanescentes de quilombos no Vale do Ribeira. *Procuradoria Geral do Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 2022. Disponível em: <http://www.portal.pge.sp.gov.br/sao-paulo-concede-titulos-de-dominio-a-tres-assocacoes-remanescentes-de-quilombos-no-vale-do-ribeira/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

26 CARVALHO, Pedro. “Meu legado será uma PGE mais progressista”, diz nova-procuradora geral. *Veja São Paulo*, São Paulo, 19 ago. 2022. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/nova-procuradora-geral-sp-ines-dos-santos-coimbra-papo-vejinha/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BEIGUELMAN, Giselle. *Memórias da amnésia: políticas do esquecimento*. São Paulo: Sesc, 2019.

CARVALHO, Pedro. “Meu legado será uma PGE mais progressista”, diz nova-procuradora geral. *Veja São Paulo*, São Paulo, 19 ago. 2022. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/nova-procuradora-geral-sp-ines-dos-santos-coimbra-papo-vejinha/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

DA NEBULOSA AO BRILHO. Direção: Renato Gama e Cassandra Mello. Produção: Sá Menina Produtora/Teia Documenta. São Paulo: Sesc São Paulo, 2022. Disponível em <https://sesc.digital/busca?searchTerm=da%20nebulosa%20ao%20brilho>. Acesso em: 10 jul. 2023.

IGREJA Rosário dos Homens Pretos da Penha. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_Ros%C3%A1rio\\_dos\\_Homens\\_Pretos\\_da\\_Penha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Ros%C3%A1rio_dos_Homens_Pretos_da_Penha). Acesso em: 14 mar. 2023.

LEITE, Gisele. A queima de arquivos. *Jures*, [s. l.], 1 out. 2020. Disponível em: <https://jures.com.br/artigo-juridico/a-queima-de-arquivos/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MARIA, Ediane. “Só de estar aqui dentro, já estou mudando, porque essas pessoas esquecidas sabem que estão sendo representadas. Afinal, a gente carrega no nosso corpo e na nossa história um processo de escravidão que não foi resolvido.” São Paulo, 16 mar. 2023. Twitter: @EdianeMariaMTST. Disponível em: <https://twitter.com/EdianeMariaMTST/status/1636515475550076933>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. *Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 32, p. 123-151, 2016

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/20210>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PASSOS, Paula. “As histórias de amor não têm fim”. **Continente**, Recife, 1 mar. 2023. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/267/ras-historias-de-amor-nao-tem-fimr>. Acesso em: 15 mar. 2023.

Procurador do Estado participa de audiência sobre quilombos de Ubatuba. **Procuradoria Geral do Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2006. Disponível em <http://www.portal.pge.sp.gov.br/procurador-do-estado-participa-de-audiencia-sobre-quilombos-de-ubatuba/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SAKAMOTO, Leonardo. Doméstica vítima de escravidão toma posse como deputada estadual em SP. **Uol**, São Paulo, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2023/03/16/domestica-vitima-de-escravidao-toma-posse-como-deputada-estadual-em-sp.htm>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SÃO PAULO concede títulos de domínio a três associações remanescentes de quilombos no Vale do Ribeira. **Procuradoria Geral do Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 nov. 2022. Disponível em: <http://www.portal.pge.sp.gov.br/sao-paulo-concede-titulos-de-dominio-a-tres-associacoes-remanescentes-de-quilombos-no-vale-do-ribeira/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

## Agradecimento

Agradeço à Procuradoria Geral do Estado pela oportunidade de tanto aprendizado por meio da professora, Doutora Margarete Gonçalves Pedroso, que nos proporcionou um curso tão rico, com pessoas de saberes tão preciosos. Gratidão imensa a todas as mulheres, desde as minhas raízes, e a todas que me fazem florescer melhor nesse mundo.

Recordar é preciso

Conceição Evaristo

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças

dos meus marejados olhos transborda-me a vida,

salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,  
mas os fundos oceanos não me amedrontam  
e nem me imobilizam.  
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.  
Sei que o mistério subsiste além das águas.



Dona Ana Candida de Jesus, minha bisavó, sentadinha, de lenço branco, minha avó, Maria da Conceição Cunha (Lica), sua irmã, Ilda Cunha, sentado, seu irmão, Pedro, as crianças, filhos da tia Ilda, Antonio e Sérgio.